

“DESCALÇO EU NÃO ERRO O CAMINHO” - A CIDADE DELINEADA PELOS SENTIDOS

“WALKING BAREFOOT I DONT LOST THE WAY” -
THE CITY DRAWING BY THE SENS

Lanna Beatriz Lima Peixoto¹

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão acerca da cidade e das experiências sensíveis que a delineiam. Em foco Salvaterra e Damasceno. Ela é cidade localizada no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará, Brasil. Ele é homem que nada vê, mas tudo percebe. Uma cegueira o acometeu quando jovem, sem poder ver anda pela cidade de pés descalços para não errar o caminho, da época que podia ver lembra-se dela em detalhes, das esquinas, das cores, dos mercados, dos rostos. Narra a Salvaterra da memória. Hoje, a cidade para ele são seus cheiros, a rugosidade dos asfaltos, a voz dos moradores, Damasceno nunca se perde por suas ruas, nem tropeça por terrenos acidentados, inscreve-se no lugar e vice-versa. As mudanças espaciais, as marcas do tempo, a arquitetura das casas, a localização de uma árvore e mais uma infinidade de rastros contam a história dos seus habitantes. Seu território é constituído por lugares emocionalmente vividos onde ocorre a socialização que afronta a passagem do tempo, sedimenta as histórias passadas, reúne pessoas em rituais diários, dinamizam o espaço. São afetos, conflitos, a série de dramas sociais vividos no lugar que o delineiam, para além de toda a infraestrutura que a cidade proporciona. Antes de ser constituída pelas entidades e instituições é composta de interações e sensações somente isoladas abstratamente. Seus habitantes não são meros espectadores das transformações e imposições de um urbano devastador. É antes como escritura, onde autores e leitores se confundem e se entrecruzam, onde se emaranham trajetórias em diferentes tempos e espaços.

Palavras-chaves: Cidade. Sensível. Memória. Habitar. Marajó.

ABSTRACT

This article presents a reflection about the city and the sensitive experiences that drawing the área. In focus Salvaterra and Damasceno. Salvaterra is a city located in Archipelago of Marajo, State of Para, Brazil. Damasceno is man who sees nothing but everything perceives. Blind since he was Young, unable to see, he walks around the city barefoot to not miss the way. From the time he could see, remembers everything in detail: corners, colors, markets, faces. Describes the Salvaterra that is alive in his memory. Today, his city is the smells, the roughness of the asphalt, the voice of the residentes. Damasceno never gets lost or stumbles in Salvaterra's streets. He is inscribe in the city, like the city is inscribe on him. The spatial changes, the marks of time, the architecture of the houses, the location of a tree, and many others trails tell us the story of its inhabitants. The territory consists of emotionally lived places where happen the socialization, that confronts

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia e graduada em Ciências Sociais pela mesma universidade. Este trabalho foi desenvolvido a partir de minha dissertação de mestrado “Cidade nas águas – um estudo sobre o imaginário em Salvaterra-PA”, 2014, e foi aceito para comunicação oral no XI Reunião de Antropologia do Mercosul. E-mail da autora: lanna.blp@gmail.com.

the passage of time, sediments the past stories, join people in daily rituals, gives dynamism to the place. Are affections, conflicts and social dramas experienced in place that outline it, beyond all the infrastructure that the city provides. Before being constituted by entities and institutions was made up of interactions and sensations only isolated abstractly. Its inhabitants are not mere spectators of the changes and impositions of a devastating urban. It is rather like writing where authors and readers get confused and intersect, which are entangled trajectories at different times and spaces.

Keywords: City. Sensitive. Memory. Dwell. Marajó.

1 SOBRE O LUGAR²

Salvaterra é uma pequena cidade do Brasil, no Estado do Pará, no Arquipélago do Marajó, o maior em águas fluvio-marinhas do mundo. Porção de terra em meio a um mundo de águas, está localizada na microrregião do Arari, a região dos campos. Como podemos observar na figura³ abaixo, Salvaterra possui como limites o município de Soure ao norte, do qual está separado pelo rio Paracauari; ao sul o município de Cachoeira do Arari, separado pelo rio Camará; à leste a baía de Marajó; ao sul a baía de Marajó e o município de Cachoeira do Arari; e a oeste este mesmo município. É ainda em torno das águas que Salvaterra desenvolve suas principais atividades econômicas, de transporte e culturais.

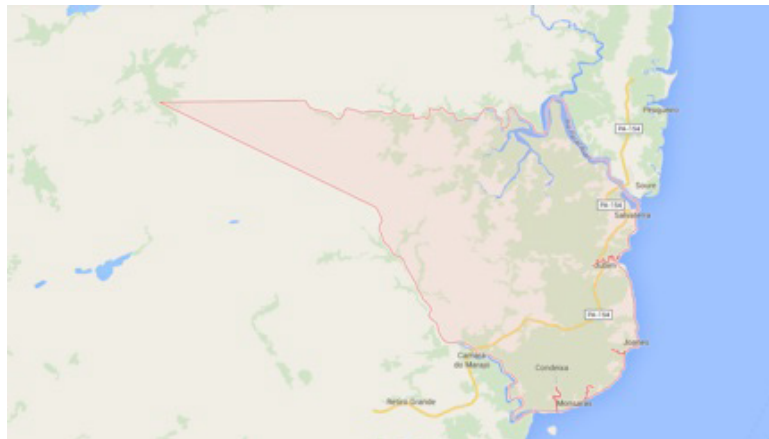


Figura 1 - Mapa de Salvaterra

Os rios não são somente moldura da cidade, estabelecem também sua extensão. Em Salvaterra eles se caracterizaram como um dos principais componentes das paisagens, elemento de base para organização da vida social e cultural da região. Seus 20.027 (SEPOF, 2011) habitantes estão ligados aos rios de alguma maneira: a atividade pesqueira é a que mais absorve mão-de-obra (SEPOF, 2011), as praias são os principais espaços de lazer e de turismo, e principalmente, é através dos rios que se

² Para o autor Yi Fu Tuan o lugar é o espaço habitado, ou seja o espaço experienciado, que, submetido a percepção, sentidos e interpretações humanas, torna-se lugar (1983).

³ Retirada de (<https://www.google.com.br/maps/>), em 30 de outubro de 2015.

estabelece a via de ligação do município com a maior parte dos municípios vizinhos, e ainda com a capital do Estado, Belém.

Entrecortado por grandes e pequenos rios, furos, lagos e inúmeros igarapés esses espaços definiram também o desenho espacial do município, a maior densidade populacional está localizada onde a terra se encontra com a água, principalmente na sua sede, antiga Vila de Salvaterra, às margens do Rio Paracauari, *locus* principal deste estudo. Estes espaços são como imagens-reflexos da maneira como foi constituída a sociedade na região (PINTO, 2008, n.p.). É possível perceber uma cultura que interiorizou as relações com o espaço das águas e constituiu um universo aquático rico em detalhes, imagens, narrativas e seres fantásticos.

Este olhar é fundamental para o estudo das práticas sociais no interior da Amazônia, tendo em vista as particularidades dos modos de vida presentes na região e de sua constituição territorial. Inclusive no que diz respeito à formação de suas cidades, que pedem estudos que a entendam para além dos processos de industrialização e modernização, a partir de uma racionalidade intrínseca às práticas peculiares e às diferentes formas de constituição das cidades na Amazônia, o que nos remete ao contexto histórico de formação territorial. As sociedades são construídas nos (re)arranjos sociais constituídos ao longo de suas histórias, transpassados por jogos tensionais entre local e global, mas nunca mera assimilação de um pelo outro.

Salvaterra foi elevada à condição de município somente em 10 de março de 1962⁴. Mas, como parte do Marajó, possui registros históricos europeus que antecedem 1500, ainda no final do século XV. Porém, estudos apontam a ocupação por grupos indígenas desde 3.400 a.C. (MARIN, 2009, p. 210). Dentre os grupos indígenas que ocupavam o território estavam Sacacas, Aruans, Caias e Araris. O espaço da cidade desde então já era caracterizado por intensa troca material e imaterial. Às margens do Rio Paracauari indígenas se reuniam a fim de realizarem troca de artefatos, assim como para fins de defesa de seu território contra invasões externas (SEPOF, 2011).

Populações negras foram incorporadas ao processo de formação histórica do município, quando foram trazidos para a Amazônia na condição de escravos e aqui direcionados às fazendas da Ilha de Marajó para o trabalho com o gado, a agricultura e a pesca: atividades necessárias à manutenção dos senhores locais (MARIN, 2005). A cultura africana deixou um precioso legado no que diz respeito a saberes e crenças. Os pormenores deste processo acabaram silenciados, como a influência dos rios no modo de vida da cidade.

O que torna fundamental trazer à tona as memórias dos processos que deram origem à dinâmica de urbanização em Salvaterra pelos olhos dos que o protagonizaram, para captar e compreender como se estabelecem vivências cotidianas entre moradores da cidade com bases teóricas e metodológicas que levem em consideração o sujeito e as subjetividades envolvidas, por uma perspectiva sócio-antropológica e poética da Amazônia que nos afaste de visões totalizantes.

A memória sensorial dos moradores de Salvaterra nos transporta momentaneamente para o tempo de seus personagens, assim como para o corpo. Evoca imagens e sensações que reconstróem a percepção da cidade em jogos de sobreposição, diálogos e conflitos. A vida dos personagens tem

⁴ Antes disso Salvaterra era distrito do município vizinho Soure.

como palco Salvaterra, portanto compõem a história da própria cidade que não é linear, mas composta desses múltiplos olhares que se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos (BACHELARD, 1978, p.201). Os fatos escolhidos para serem narrados adquirem importância na medida em que tem relevância para a vida dos personagens e para a constituição do próprio espaço urbano. De acordo com Anibal Frias:

La sensorialité se spatialise à son tour: les phénomènes visuel, sonore, olfactif et tactile sont stimulés par la forme territoriale qui se trouve, à son tour, modelée par eux. Il n'est pas une relation ou une ambiance, une émotion ou un lieu qui ne soit marqué par une odeur, un bruit, une saveur ou le jeu changeant de la lumière. Les saillances sensorielles «qualifiant» et même «affectent» l'espace (Augoyard, 1991, p. 20; Candau, 2000, 28 apud FRIAS, 2001, P.18).

É nesse sentido que componho esse artigo com Damasceno Gregório Santos, morador de Salvaterra, o Mestre Damasceno.

2 PÉS DESCALÇOS

Damasceno, foi indicado por várias pessoas para uma conversa, homem de muitas histórias, logo fiquei sabendo de sua fama. Foi reconhecido recentemente pelo Governo Federal como mestre da cultura popular. Damasceno já tinha virado mestre em minha imaginação muito antes disso, antes até do primeiro encontro. Conversando em uma esquina me avisaram: “lá vai o Damasceno, chama ele”. Quando o vi, homem simples, pés descalços, camisa no ombro, short amarelo, caminhava sozinho e tranquilo. O chamei e ele prontamente atendeu, disse que podíamos conversar. Nossa primeira conversa aconteceu no quintal de dona Sebastiana, dona da casa em frente a qual nos encontramos, e durou cerca de duas horas

As ruas de Salvaterra que eu conheço, conheci, quando eu era bom da vista Salvaterra não tinha as ruas que tem. Só que ao decorrer dos caminhos eu fui me adaptando e consigo andar nas ruas quase que toda, só não nas invasão. Mas aqui o centro... eu ando, e ando descalço pra me adaptar ao chão. Porque se eu andar de sandália, a não ser que eu ande com alguém, se não o risco é os carro me bater.

É no dia a dia vivido nos espaços da cidade, que são constituídas redes de relações complexas entre os diversos atores sociais que pressupõem trocas subjetivas e objetivas que vão compondo os espaços da cidade, o que Almeida (2008) chama de processo de territorialização, que redesenha a superfície da cidade de acordo com conteúdos sociais condizentes com as maneiras, segundo as quais se relacionam, organizam e auto definem os sujeitos sociais. Constitui-se um “território-paisagem” (ECKERT, 2009, p.88) do agir no lugar, o que revela um conjunto de interpretações e afetos, mesmo que constituídos em diferentes trajetórias, um sentido do estar na cidade.

Homem que nada vê, mas tudo percebe, Damasceno, um dia abriu os olhos e não pode ver. Uma cegueira o acometeu quando jovem, um acidente de trabalho aos 19 anos, quando já morava na capital do Estado, Belém, o fez voltar para Salvaterra, que então já era outra. A Salvaterra de

Damasceno é constituída das lembranças que guardou e repassa com minuciosos detalhes, depois o mesmo passou a configurar a paisagem através dos outros sentidos, os rastros deixados por essa apreensão mútua são deixados na areia pelos pés, que como em braille inscrevem Damasceno na paisagem citadina.

Sem poder ver o que está na sua frente anda pela cidade de pés descalços para não errar o caminho, da época que podia ver, lembra-se de todos os detalhes da cidade, das esquinas, das cores, dos mercados, os rostos e fez questão de me descrever a Salvaterra que ficou na memória. Hoje, com 62 anos, 9 filhos, Salvaterra são seus cheiros, a rugosidade dos asfaltos, a voz dos moradores, Damasceno nunca se perde por suas ruas, nem tropeça por terrenos acidentados porque anda descalço, inscreve-se no lugar como o lugar se inscreve nele⁵.



Figura 2 - Pés na terra

Assim como os lugares inscrevem-se nas palavras, e se tornam “lugares-ditos|” (MAFFESOLI, 1994, p. 65), os grupos que habitam a cidade inscrevem-se nos lugares, evidências do processo de formação contínua e intersubjetiva no qual estão inseridos (MAFFESOLI, 1994, p. 66; INGOLD, 2012, p. 31). As mudanças espaciais, as marcas do tempo, a arquitetura das casas, a localização de uma árvore e mais uma infinidade de detalhes e marcas contam um pouco da história dos grupos dali pertencentes e é dessa “capacidade mais ou menos grande dos territórios de exprimir (ser a expressão de) a(s) comunidade(s) que os habita(m) é que faz do espaço físico o espaço vivido” (MAFFESOLI, 1994, p. 65). O território da cidade é constituído por esses “lugares emocionalmente vividos” (MAFFESOLI, 1994, p. 65).

Salvaterra quando eu era pequeno tinha só essa praça aí na frente, aquela igreja lá. Aqui na terceira rua tinha um comércio, que era do Capitão Gerson. Onde é o Vasconcelos tinha uma sorveteria, tinha um grupo pequenino que tinha só duas salas, na frente tinha uma sorveteria que era do Nonato Gonçalves. No canto da delegacia era do seu Souza, do outro lado onde tinha farmácia era Julião, na quarta rua.

⁵ Todas as fotografias que constam nesse trabalho são de minha autoria, feitas em pesquisa de campo realizadas em Salvaterra durante o mestrado, de 2012 a 2014.

Lá em cima tinha a taberna e loja do finado Mario Couto, pai do senador hoje, da república. Lá mais em cima, até eu bom da vista, tinha um comércio que era do Zeca Mateus, que nós chamávamos, e só. Aqui onde é a praia grande, pra onde tem essas casas, nós chamava Trincheira. Era um tucumanzal que tinha, com najazal. E tarde da noite o pessoal não passava porque tinha visagem, fazia muita misura.

No trecho acima é possível perceber como “os lugares, sendo transfigurados em espaços sociais, coadunam-se com o tempo que costura e recostura as imagens mentais de acordo com as categorias nativas” (SILVEIRA, LIMA FILHO, 2005, p. 40). Só com os relatos dos moradores esse trabalho poderia ganhar vida, com a imaginação do leitor é possível imaginar os lugares citados, se deixar transportar e viajar através do tempo.

Eu sou nascido na comunidade do Salvá, Mangueiras, Salvaterra, é uma comunidade de Salvaterra. Vim pra Salvaterra com 13 anos de idade. Sou descendente de escravos. O meu avô foi vendido pra cá pra Salvaterra por uma garrafa de cachaça e um cacho de banana, e a minha avó é filha de uma índia de Cameté.

A comunidade do Salvá, a qual se refere Damasceno é localizada em Mangueiras, uma das inúmeras e mais antigas comunidades quilombolas do município, Damasceno nasceu do encontro em negros e índios. Os rastros desse encontro podem ser percebidos em seus traços físicos e nos culturais. A convergência das populações que se encontraram ao longo da história em Salvaterra deixou um imenso e rico legado de saberes e fazeres aos habitantes de hoje no que diz respeito principalmente ao manejo dos recursos naturais e uma perspectiva de pensamento, de compreensão da vida e do mundo.

Voltei pra Salvaterra, fiquei deficiente mas tomei a iniciativa de participar de movimentos culturais, boi-bumbá, pássaros, compor músicas, e ultimamente a coisa que eu mais faço é o carimbo. Eu gosto de cantar, de falar da nossa região marajoara.



Figura 3 - Dança em salvaterra

Foi com seu pai, ainda criança, que Damasceno começou seu envolvimento com manifestações culturais. Essa forma de apreensão peculiar do mundo está nas letras que compõe, que versam sobre o cotidiano no lugar, a natureza e as tradições de que são veículo. Conhecê-lo me fez sentir o quanto a paisagem é a integração totalizante dos elementos contraditórios e sensíveis, expressos e experimentados corporalmente, um universo experimentado, meio em que o humano se sente conectado (SIROST, 2010, p. 7). Um dos fatos pelos quais Damasceno ficou conhecido diz respeito a sua habilidade na pesca, principalmente por pescar com as mãos, o que já foi tema inclusive de reportagens de TV, sobre isso ele conta:

Eu pesco tanto no oceano atlântico, quanto no Paracauari, esse aqui de Salvaterra. E conheço os lagos que tem por aqui, as áreas de mangal, eu gosto de pesca camarão. Eu também pesco com as mãos, sem precisar de arma nenhuma. Eu passei até na Record News. Pesco de linha, de rede. Assim mesmo sem enxergar eu teço a rede, concerto a rede. Eu tiro caranguejo no mangal. São questões que deus me deu. Deus me permitiu conhecer um outro lado da vida.

Como é possível perceber no trecho de nossa conversa acima, a conexão entre o humano e o meio habitado está explícita em suas narrativas, em suas músicas e no seu corpo. Demonstra que os sujeitos compreendem, entendem, investigam a vida no lugar, partindo das percepções, sentidos, do mergulhar na experiência cotidiana nas paisagens. “As place is sensed, senses are placed; as places make sense, senses make place” (Feld and Basso 1996, 91 apud PINK, 2007, p. 240). Perceber as coisas é entender e reconhecer o caminho que as conduziu até nós e que permitiu que se perpetuassem (SANSOT, 1983, p. 28). De acordo com Silveira:

A percepção de paisagens está imersa em um processo cognitivo vinculado ao jogo sutil de adesão às imagens que a mesma suscita e, assim, a uma perspectiva estética, uma vez que toda paisagem implica a presença de uma dimensão sensível e emocional por parte do humano (SILVEIRA, 2009, p.72)

Adentramos no campo de uma sócio-antropologia do mundo sensível, aos moldes do que nos dizem Michel Maffesoli e Anibal Frias, que se entende a partir da pluralidade do que se pode designar pela palavra grega *aisthesis*, ou seja, compreender a cidade a partir da materialidade de sua existência social, da diversidade da experiência sensorial: visual, olfativa, tátil, auditiva, gustativa; o papel do corpo na socialização (FRIAS, 2001, p.16; MAFFESOLI, 1994, p. 59).

A ação da mão define o vazio do espaço e o cheio das coisas que o ocupam. Superfície, volume, densidade, peso, não são fenômenos ópticos. É com os dedos, é na concavidade das mãos, que o homem primeiro os conhece. Mede o espaço, não com o olhar, mas com a mão e o passo. O tacto enche a natureza de forças misteriosas. Sem ele ela seria semelhante às encantadoras paisagens da câmara escura, ligeiras, planas e quiméricas (FOCILLON, s.d., 111).

Posso ter lido a palavra, mas os relatos e descrições só estiveram inteiros na experiência presencial. Foram acompanhados por gestos, entonações, encenações, que corporificaram o contato. Estão imbricados nessas lembranças, os conhecimentos empíricos acerca do lugar praticado e a imaginação sensorial de quem viu, tocou, pisou, sentiu o espaço. Para Márcia Bezerra o corpo,

mãos, dedos, pés operam como instrumentos de exploração, de verificação, de construção de conhecimento (2013, p. 114). O empenho desses instrumentos também no ato de narrar reitera essa assertiva e remete a interação física e simbólica dessas pessoas com as coisas contidas nesse ambiente, como fica claro no trecho da conversa com Damasceno transcrito abaixo:

Eu consigo levar uma embarcação só o piloto pilotando e eu dizendo aonde é que ele tem que entrar até na vila onde eu nasci. Só com as lembranças do que eu via tudinho eu lembro.

Para Gaston Bachelard “o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive em casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 2008, p. 25). Para este autor “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1978, p.200). Portanto, mesmo em uma paisagem natural – que pressupõe um ambiente em que não são encontrados elementos vinculados a ação humana – há humanização da paisagem quando a categorizamos, segundo representações construídas sobre o ambiente. Paisagem é um fenômeno cultural já que o olhar cultural determina sua perspectiva não só sobre o conceito de paisagem, mas sobre seu enquadramento. A paisagem é uma construção, é um recorte feito na natureza através do olhar. Sobre isso diz Georg Simmel:

A natureza humana, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe de individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de paisagem. (SIMMEL, 2009, p.07).

O olhar é afetado e afeta o ambiente da existência cultural e do lugar ocupado. Toda natureza é humana porque são os olhos humanos que a enxergam. Toda e qualquer paisagem é constituída por aqueles que contemplam e a transformam, portanto aí consiste a duplicidade da ação de quem a constrói e é a paisagem (SILVEIRA, 2009, p.71). Corroborando assim à concepção de pessoa enquanto autor e sujeito do mundo. Para Bachelard, antes de um fenômeno consciente qualquer paisagem é experiência onírica, quando despertamos de um sonho, enquadrados a paisagem com o olhar, não “um quadro que se povoa de impressões, mas uma matéria que pulula” (BACHELARD, 1997, p.05), ou seja, que dura e vibra no tempo (ROCHA; ECKERT, 2000). O que nos ajuda a compreender como duram as imagens em Damasceno, e como ainda persistem e o constituem. São também matéria de que é feito⁶.

A experiência está embutida nas paisagens que compartilha, elas podem ser vistas como reflexo dessas experiências, individuais e coletivas, constituindo um sentimento de estar no território que o unifica a partir das relações estabelecidas na cidade. A paisagem é então como um sinônimo da cidade, esses termos são “ressemantizados como território de unidade e de sentidos” (ECKERT, 2009, p.88), dos que a habitam, suas relações, seus afetos, perspectivas e o que os ligam uns aos outros. Da apreensão estética, portanto, sensível, constituem-se representações, imagens.

⁶ Parafraseando Manguel (2001) que diz que “As imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”.

3 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES



Figura 4 - A despedida

Nossa primeira conversa acabou e depois de nos despedirmos, quando via Damasceno ir embora, parei para pensar e percebi a grandiosidade daqueles passos ordinários. Foi quando também notei que a cidade é desenhada por passos como aqueles e que somente ao caminhar poderia me aproximar dos sentidos da habitação naquele lugar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. *Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: pgsca-ufam, 2008.
- BACHELARD, G. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BEZERRA, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*, n.7, julho 2013.
- ECKERT, C.. As variações paisageiras na cidade e os jogos da memória. In: SILVEIRA, Flávio; CANCELA, Cristina. (orgs.) *Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EDUFPA, 2009.
- FOCILLON, H. O mundo das formas/O Elogio da mão. In: *A vida das formas*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- FRIAS, Anibal. Une introduction à la ville sensible. *Recherches em anthropologie au Portugal*. nº7 - 2001.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre , v. 18, n. 37, June 2012.
- MAFFESOLI, M. O poder dos espaços de celebração. *Revista Tempo Brasileiro*, v. 1 – nº 1, Rio de Janeiro, 1994.
- MARIN, R. A. Quilombolas na ilha de Marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades*, v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

MARIN, R.A. Uso, condições de acesso e controle dos recursos hídricos em comunidades quilombolas do município de Salvaterra (ilha de Marajó, Pará). **Anais Seminário Internacional Águas da Pan-Amazônia: Institucionalização de marcos regulatórios, visões de atores sociais e estratégias**, 2005, Belém.

PINK, S. Walking with video. **Visual Studies**, 22(3): 240-252, 2007.

PINTO, M. A Amazônia e o imaginário das águas. In: **I Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia**, 2008, Manaus. Anais do I Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2008

ROCHA, A. L. C da.; ECKERT, C.. Os jogos da memória. **ILHA**, Florianópolis: 2000.

SANSOT, P. **Les formes sensibles de La vie sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

SEPOF. **Mapa dos municípios paraenses**: Salvaterra. 2011.

SILVEIRA, F. L. A. da. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In: SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; CANCELA, Cristina. (orgs.) **Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade**. Belém: EDUFPA, 2009.

SILVEIRA, F. L. A. da.; LIMA FILHO, M. F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “a alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre , v. 11, n. 23, June 2005 .

SIMMEL, G. **A filosofia da paisagem**. Tradução de Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia-press, 2009.

SIROST, O. Le sens paysager. **Sociétés**. 3(109): p5 -10, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.